

CASTRO, C. (Org.). *A família militar no Brasil. Transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

### **Sabrina Celestino**

Pós-doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), doutora em Serviço Social pela PUC-Rio, mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do magistério superior público federal vinculada ao Comando do Exército. Professora adjunta do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) e membro do Programa de Pós-graduação Humanidades em Ciências Militares. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Forças Militares. Orcid: 0000-0002-6825-5056.

*A família militar no Brasil: transformações e permanências* é uma obra organizada pelo professor e pesquisador Celso Castro e está estruturada sob forma de coletânea integrada por uma apresentação, nove capítulos temáticos e três comentários finais.

Segundo disposto por Castro (2018), a “família militar” refere a uma temática pouco explorada em pesquisas acadêmicas, apesar da importância que reveste para instituições dessa monta. Essa expressão representaria o que os antropólogos compreendem como uma “categoria nativa” (p. 12), elemento-chave na construção da identidade militar. A composição da “família militar” para além dos militares inclui suas esposas e seus filhos e, embora esse modelo apresente elementos da representação da família tradicional, conjuga, segundo Castro (2018), particularidades reveladas pela dificuldade do desenvolvimento de trabalhos autônomos pelas esposas, dada a necessidade de mudanças constantes impostas pelas transferências funcionais dos maridos.

É importante ressaltar que, apesar de vinculados a uma temática ampla generalizada pela expressão “família militar”, a maior parte dos escritos que compõem a obra destacam como sujeitos de suas análises as mulheres/esposas de militares oficiais do Exército. Esse grupo integra uma elite institucional e guarda certa representatividade da trajetória de carreira e vida vivenciada pelos profissionais da chamada Força Verde-Oliva.

O primeiro capítulo da obra, “A ‘tradicional família militar’: autobiografias de mulheres de militares”, de autoria de Celso Castro, ressalta o ocultamento das esposas de militares da produção historiográfica e sociológica sobre a instituição militar no Brasil. Assim, o escrito debruça-se sobre as narrativas autobiográficas de 33 mulheres de militares incluídas em três livros publicados entre 2008 e 2014. Na pesquisa em destaque, todas as mulheres casaram-se com oficiais do Exército e, exceto por uma, esposa de um coronel, seus maridos alcançaram o generalato, ápice da carreira. Segundo o autor, “as narrativas expressam experiências e opiniões muito convergentes, que revelam uma série de ciclos, rituais, momentos-chaves e pontos de inflexão previsíveis na carreira de seus maridos” (p. 16).

O autor identifica ainda que os momentos de passagem previsíveis (a inserção na família militar por meio do casamento, de transferências e de cursos de formação) trariam também expectativas e sentimentos obrigatórios a eles associados e institucionalmente chancelados. Indo ao encontro dessas reflexões, destaca-se a pesquisa partilhada por Maria Cecília de Oliveira Adão, a qual expressa, conforme o título de seu capítulo, a relação entre “Projeto e individualismo: considerações sobre a adesão das esposas ao projeto profissional dos oficiais do Exército brasileiro”. Seu trabalho contou com a participação de cinco casais, dos quais três eram

compostos por maridos oficiais casados com esposas civis e os outros dois compostos por esposas oficiais casadas com maridos também militares, sendo um ex-membro do serviço temporário do Exército e um subtenente. Nas reflexões propostas, a autora afirma que “as mulheres que participaram da pesquisa possuíam diferentes níveis de adesão à carreira de seus maridos o que corresponde também, a diferentes percepções de projetos que podem ser mais ou menos individualizantes” (p. 33).

Ao considerar as temporalidades, Adão destaca as diferentes atitudes de gênero apresentadas pelas mulheres que foram alvos de sua pesquisa, reportando que “esta diferenciação resultará em diferentes proporções de adesão ao projeto da carreira militar do marido” (p. 34).

A vivência de estágios da carreira profissional do militar e a adesão ao que lhe é requerido na qualidade de esposa é atributo recorrentemente reportado às “mulheres de militares”. Incorporando as demandas que lhes são apresentadas, os projetos individuais muitas vezes são suplantados por projeções da carreira, “do casal” e/ou da família.

Nessa seara, o capítulo de autoria de Silvia Monnerat, “Estrangeiras em terras desconhecidas: esposas de oficiais do Exército, transferências territoriais e inserção no mercado de trabalho”, reflete sobre um aspecto recorrentemente lembrado pelas “esposas de militares”, o despertencimento e as incertezas sobre os próximos destinos, que culminam nas dificuldades enfrentadas por essas mulheres para se inserir no mercado de trabalho.

A pesquisa elaborada pela autora pautou-se em semelhanças e diferenças encontradas em 17 entrevistas realizadas com esposas de militares, as quais apontaram para “a existência de semelhanças estruturais entre as organizações familiares estruturadas, semelhanças estas que corroboram a efetividade do uso da expressão família militar e possibilitam o estabelecimento de aproximações em suas percepções e experiências de vida” (p. 49). A autora ressalta que essa identificação não estaria livre de conflitos, muitos deles relacionando-se ao afastamento das famílias de origem, revelando por um lado um sentimento de despertencimento, mas por outro, “a existência de um forte sentimento de solidariedade entre os diferentes núcleos familiares compostos por militares” (p. 51).

Ao abordar a temática de inserção e permanência no mercado de trabalho a autora destaca uma importante diferença entre as gerações no grupo eleito para a análise. Segundo Monnerat, nas falas das esposas de oficiais da reserva, o modelo de família tradicional era reforçado e, neste, a importância do convívio com os filhos e o cuidado com a casa. No entanto, em se tratando das esposas de oficiais da ativa, ainda que o cuidado com os filhos e o marido tenha sido destacado

como motivo que as levou a abandonar suas carreiras, prevalecia os discursos do trabalho feminino não só como projeto de vida individual, mas também relacionado à conjuntura das mudanças culturais inscritas na divisão do trabalho por gênero.

Temporalidades, gerações de mulheres, processos previsíveis vivenciados por elas, o afastamento da família de origem exigido pelas constantes transferências, os laços de solidariedade construídos, a dualidade entre a relação de segurança e despertencimento, a adesão aos projetos profissionais dos maridos e a presença de projetos pessoais circundam as experiências vividas pelas chamadas “esposas de militares”. Tais elementos estão presentes nas análises partilhadas por Fernanda Chinelli no capítulo “Família militar: apontamentos sobre uma comunidade performada”, o qual se debruçou sobre um campo de pesquisa específico, o Edifício da Praia Vermelha (EPV), localizado no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, que comporta apartamentos funcionais para militares do Exército.

O trabalho de campo e a pesquisa etnográfica inscritas na investigação compuseram a dissertação de mestrado da autora, tendo como principais informantes as esposas de oficiais, majores e tenentes-coronéis, alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), instituição de ensino superior pós-graduado e degrau obrigatório para militares que pretendem comandar e/ou galgar o generalato. A investigação buscou compreender as maneiras pelas quais as esposas compartilhavam, por meio dos maridos, “os valores militares; suas estratégias de sociabilidade; sua margem de manobra na construção da individualidade em um espaço marcado pelos princípios de hierarquia e disciplina e espírito corporativo” (p. 68).

Com vistas a fundamentar a análise que se assentou sobre a relação entre público/privado, a autora recorre a conceitos teóricos relacionados à literatura antropológica e discussões referenciadas no campo das teorias de gênero. Destaca os processos de integração e pertencimento, dentre eles a figura dos “xerifes de turma da ECEME” e suas esposas, as “xerifes das mulheres”, e a relação “padrinhos/afilhados”. Segundo a autora, é a partir de relações de reciprocidade e solidariedade que se dá a dinâmica de interações no meio militar (p. 79). Assim, a participação das esposas na dinâmica social e relacional, apesar de não ser uma obrigação formal, assenta-se no que Chinelli caracteriza como “uma coerção grupal análoga aos compromissos morais e corporativos do militar que reforça o ‘espírito de corpo’” (p. 80).

Indo ao encontro dessas análises e localizando outro lócus de investigação, o capítulo proposto por Cristina Rodrigues da Silva, o qual se debruça sobre “Famílias na fronteira: experiências de esposas de militares na selva brasileira”, aborda uma realidade de vida que, apesar de conhecida, é pouco aprofundada quando se fala sobre a “família militar”. O capítulo

analisa as experiências das esposas de militares do Exército que vivem em regiões de fronteira no norte do país e considera o aprofundamento da unificação e o reconhecimento como “família militar” gerados a partir de “uma série de relações cotidianas que estas pessoas compartilham com outras famílias de militares; e da organização dos espaços de moradia onde são geradas essas convivalidades” (p. 90). A autora caracteriza a família militar brasileira como sendo constituída por um caráter englobante e segmentário, o qual identifica o todo, sendo composta por militares e suas famílias, mas também representando os “parentes circunstanciais” sedimentados pelas relações de vizinhança entre cônjuges e filhos dos militares (p. 93). No contexto de fronteira, a autora afirma que os vínculos e o convívio se intensificam, uma vez que há pouca relação com a população local. Os militares e suas famílias residem em Vilas Militares com estrutura de segurança e lazer garantidas pela instituição. A precariedade de vida, de serviços e de progredir em aspirações profissionais pessoais se une e conduz à interação o conjunto das esposas caracterizadas como Jovens Guerreiras, unidas em prol da intenção de aproximação com a população local, mas de fato fortalecendo as relações entre elas. Segundo a autora, para além da solidariedade e do suporte entre as famílias, “há também outros mecanismos característicos da organização militar que operam com intensidade nessas relações, como o controle e a hierarquia” (p. 103).

Em se tratando dos conteúdos objetivos produzidos e reproduzidos no e pelo contexto militar, o capítulo redigido por Werusca Marques Virote de Sousa Pinto trata, conforme sugerido no título, de “A construção da subjetividade de mulheres militares: discursos e contextos”. A pesquisa é fundamentada na convivência pautada por esposas de militares residentes na Vila Militar de Deodoro (RJ), por ocasião do curso de seus maridos na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército (EsAO). Nesse sentido, o objetivo da pesquisa assenta-se em compreender “as vivências cotidianas experienciadas dentro da cultura militar e a descrição de seus impactos para as subjetividades das mulheres de oficiais” (p. 116). Como fundamentação para sua análise, a autora propõe reflexões sobre a relação entre cultura e identidade. Ao se referir aos discursos no contexto do campo de pesquisa, afirma que “os discursos das esposas de militares estão permeados por elementos da ideologia militar e por seus símbolos culturais” (p. 120). Apesar do caráter generalizado de vinculação à família militar, a autora ressalta que algumas entrevistadas relataram não se sentir parte disso e que não teria apreço pela vida vinculada aos quartéis e eventos sociais. No escopo de seu mapeamento, a autora propõe reflexões sobre a construção da subjetividade marcada pela vivência territorial, relacionando a Vila Militar. Esse lugar, apesar de oferecer referências simbólicas de memória para o público, ao ser analisado reporta



dificuldades quanto à localização geográfica e à violência no entorno, o que proporcionaria sensação de isolamento. As reflexões demonstram ainda o ciclo anual do processo de formação na EsAO e como as atividades previstas para os maridos se estendem para as esposas, a exemplo do Curso de Extensão Cultural da Mulher, atividade que, segundo a autora, seria um recurso voltado a reforçar os elementos culturais da instituição. Finalizando suas reflexões, ela ressalta que “estudar esse universo das mulheres de militares é lançar constantemente um olhar ao mesmo tempo para as fronteiras e para a diversidade: as fronteiras sobre as subjetividades que estão sendo produzidas e a diversidade que influencia este processo” (p. 130).

O capítulo “Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais” apropria-se do conceito de conjugalidade, buscando aproximar-se do cotidiano de seis mulheres de militares para investigar a questão da individualidade na vida conjugal marcada pela dinâmica militar. Ester Nunes Praça da Silva e Lívia Alessandra Fialho da Costa, a partir das informações que integram a pesquisa, afirmam que, em se tratando do funcionamento dos casais, prevalece a interação do tipo bastião, na qual destacam-se funcionamentos fusionais pautados pela organização do “nós-família”, sendo esse modelo marcado por papéis de gênero diferenciados. O contexto de transferências constantes e a dificuldade das mulheres de militares de vinculação a projetos pessoais e profissionais próprios são ressaltados no capítulo, sendo a questão ainda mais dificultada e/ou, nas palavras das autoras, “obstaculizada, devido à inexistência de uma rede de apoio, nos lugares para os quais as famílias são transferidas” (p. 140).

No contexto da família militar, o capítulo ressalta os conflitos vividos no cotidiano das mulheres casadas com militares relacionados com a estrutura hierárquica e fechada. Nesse cenário, referem-se aos apontamentos das mulheres participantes sobre a vivência de moradia em vilas militares, estabelecendo que, ao mesmo tempo que informam ser gratificante, por exemplo, pela possibilidade de uma localização privilegiada, há certo desgaste devido ao fato de conviverem constantemente com a subordinação à disciplina e à hierarquia, relacionando ainda certa sensação de vigilância e o cumprimento das regras estabelecidas.

As autoras detêm-se, ainda, no campo das tensões, às exigências impostas pela carreira que demanda a ausência dos maridos, fazendo com que as mulheres “assumam decisões e responsabilidades muitas vezes sozinhas no que tange às obrigações com os filhos e ao cotidiano da casa” (p. 149). Relacionando afetos e tensões em suas conjugalidades, as autoras encerram o capítulo reportando os esforços no investimento em uma carreira única, mas que expressam também elementos de concretizações dessas esposas, as quais, segundo as autoras, encontram margens de individualização por meio da maternidade.

Para além do foco sobre as esposas de militares, os dois capítulos que fecham a obra debruçam-se sobre o tema família militar, considerando as relações de parentesco. O capítulo “Família de militares: o caso dos Lima e Silva” retoma a história da família de Luís Alves Lima e Silva, o duque de Caxias, para correlacionar padrões da instituição militar (Exército) a partir de relações internas e externas, as quais, segundo a autora, são muito distantes das atuais. Adriana Barreto de Souza afirma que “os Lima e Silva construíram de forma organizada por meio de investimentos geracionais uma carreira de sucesso no Exército, e na política do Império inicialmente português e depois brasileiro” (p. 156-157).

A autora descreve o percurso da saída de Portugal, o estabelecimento dos irmãos Francisco e José Joaquim de Lima e Silva no Brasil e sua ascensão social possibilitada pelos “bons serviços prestados à Coroa” e pela articulação política conjugada pelas alterações na organização militar com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro. Na associação entre política e carreira militar destaca-se a consolidação de um projeto familiar, ressaltando a ampliação dos tecidos entre famílias com uma mesma ocupação, informando que os laços de parentesco constituídos podiam favorecer a implantação de políticas e o desempenho de comissões militares e, no caso dos Lima e Silva, a tradição militar e familiar ilustrada pelo 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, ficando conhecido como Regimento Lima e Silva. Nessa tessitura, nota-se a permeabilidade da hierarquia militar, em meio à qual “a ascensão ao generalato dependia de uma combinação entre origem social, uma boa folha de prestação de serviços à Coroa – o que era chave – um investimento na política” (p. 180).

Finalizando a composição da obra, o capítulo redigido por Alexandre de Souza Costa Barros, “Parentesco entre membros das Forças Armadas brasileiras”, aponta a presença da endogenia no meio militar, a qual, segundo o autor, pode ocorrer tanto de forma intergeracional quanto intrageracional. Segundo Barros, no processo endógeno que particularizava o âmbito militar, “sobressaía a hereditariedade da vocação” proporcionada pelas facilidades, sobretudo educacionais, disponibilizada aos filhos dos militares para o ingresso na carreira.

Como recurso metodológico empregado na pesquisa, o autor utiliza como fonte de investigação o Almanaque do Exército, um diretório público no qual são listados todos os oficiais da ativa do Exército em dado ano. Como descritores utilizados para o levantamento da situação de parentesco entre os militares, o autor utiliza o nome (ou nomes) de família. Conclui que 4,5% dos oficiais provêm de famílias com ao menos dois membros na ativa durante o período considerado para a pesquisa. Esse número pode ser compreendido como expressivo, se consideradas as interações propiciadas pelo parentesco, como “a maior exposição” gerada por

ter um parente no serviço ativo, e ainda os casamentos com filhas de superiores sendo possível. Segundo o autor, é possível “especular que as patentes mais altas do Exército são mais suscetíveis de concentrar membros dessas ‘famílias militares’, em uma concentração desproporcional ao número total de famílias representadas no Exército, mesmo não se tratando de uma política deliberadamente planejada” (p. 189).

Os comentários que encerram a obra são propostos por Miriam Goldenberg, com o texto “Mulheres (in) visíveis no mundo militar”, no qual traça um paralelo entre seu objeto de pesquisa, as mulheres militantes de esquerda e as esposas de militares, ressaltando a invisibilidade destas frente a evidências da história escrita em torno de trajetórias masculinas. O comentário sobre as famílias militares do Brasil e em Portugal proposto por Helena Carreiras investiga a ausência das famílias militares dos estudos dessas instituições. Em se tratando de Portugal, a autora destaca que o tema da família militar tem sido bem menos estudado do que no Brasil, e se relaciona às diferentes continuidades e temporalidades institucionais. No momento presente, a autora informa ser rara a presença de militares habitando o que denomina como bases ou campos militares, fato que possibilita, no caso das esposas, a estabilidade residencial e a manutenção de suas ocupações profissionais, sendo a movimentação pelo território nacional, quando necessária, realizada pelos militares. A autora sinaliza ainda o deslocamento do contexto em que a categoria “família militar” tem sido utilizada pelos portugueses, no contexto de reivindicações associativas por direitos e benefícios.

Finalizando a obra, os comentários de Sabrina Frederic estabelecem um parâmetro de análise dos avatares da família militar no Brasil e na Argentina, destacando que, nesta última, suas reflexões apoiam-se nos relatos de diferentes gerações de militares que formam, em suas práticas e concepções, um universo de divergências com relação a compatibilizar a vida familiar e profissional. A autora sinaliza os conflitos protagonizados por esposas de militares mais jovens, informando que as demandas como mulheres de militares e seu exercício como mães também mudam ao longo do desenvolvimento da carreira profissional. Se esse é um tema sinalizado como necessário de ser aprofundado em matéria de pesquisas, outro que merece destaque, segundo a autora, está relacionado ao lugar das crianças nos arranjos familiares contemporâneos.